**GT 6 - Cidade, subjetividade e práticas em saúde**

**Este Grupo Temático se apresenta como espaço de análise acerca da conexão cidade, subjetividade e saúde, entendidas como categorias analíticas complexas, bem como âmbitos de interesse para políticas públicas em saúde que devem envolver os sujeitos na concretude da vida. Buscamos delineamentos para a proposição de uma base conceitual e metodológica que possibilite a aproximação e análise de objetos de pesquisa na interface entre esses três elementos (categorias). Interessa-nos analisar processos de constituição dos agenciamentos que mesclam uma íntima trama entre cidade, subjetividade e saúde, nos planos discursivo e da práxis. Portanto, num momento em que mais da metade da população mundial experiência a urbanidade, tematizar as conexões entre cidade, subjetividade e práticas de saúde parte da perspectiva de que essas relações não molduram apenas um lugar físico delimitado por fronteiras geográficas; trata-se de um espaço que conjuga materialidade e subjetividades, envolvendo “enfrentamentos na construção compartilhada do bem viver”. . Portanto, a categoria cidade se revela central, não como mero cenário, mas como categoria analítica capaz de articular processos específicos e investimentos teórico-metodológicos ainda não suficientemente delineados no campo da saúde coletiva. Trata-se de um objeto híbrido e complexo que transita entre diferentes campos disciplinares, implica distintos saberes, haja vista a diversidade e multiplicidade inerentes ao urbano como experiência. Tais experiências são vetores de subjetivação com rebatimentos no processo saúde-doença; o urbano como complexidade é determinante social em saúde. Importa-nos impulsionar, tendo a complexidade no plano meta-teórico, modalidades de estudos voltados à compreensão das singularidades da experiência sensível dos sujeitos no cotidiano, das práticas e as relações que os mesmos estabelecem com os lugares, carregadas de significados e afetos, consoante proposições de autores como Augé (2005) acerca dos “lugares antropológicos”, progressivamente transformados em “não-lugares”. Essas experiências são atravessadas por marcadores sociais, histórico-temporais, de gênero, raça/etnia, geracionais, dentre outros. Interessa-nos, sobremaneira, subsidiar a construção de modelos analíticos estratégicos para abranger essas dimensões em fenômenos como a democratização do espaço público; o direito à cidade; os processos de gentrificação e a destruição dos lugares de memória, dos “lugares antropológicos” (Augé, 2005) buscando religar as distintas dimensões dessas interfaces, considerando as profundas transformações em curso. Ao se pretender investigar tais fenômenos, se faz necessário analisar o alinhamento das estruturas macropolíticas, interrogar a cidade como produção de coletividades, tendo por consequência, o desafio da construção de um Sistema Único de Saúde sintonizado com a complexidade da vida urbana e os diferentes modos de produção de cuidado em saúde. Finaliza-se essa proposta, evocando a dimensão da prática do cuidado em saúde enquanto uma composição de diversos elementos e estratégias macro e micropolíticas, podendo esse Grupo Temático atuar como dispositivo de análise e problematização, sem a intenção de prescrever modelos estáticos de como gerir, organizar e produzir as relações cidades, saúde e subjetividade, mas ir em busca das (entre)linhas de pensamentos, conhecimentos e práticas de cuidado, tendo como vetor norteador a produção de um SUS que se aproxime da ética do bem viver, afirmando a potência da vida e a promoção da saúde.**

 **Coordenadores:
Maria Lúcia Magalhães Bosi
Shirely Donizete Prado
Magda Dimenstein**